

CICLO DE CINEMA

14 SET 17:00



**DOMINGOS NA CASA DO CINEMA
MANOEL DE OLIVEIRA
E O CINEMA PORTUGUÊS 2**

PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO

SESSÃO 16

14 SET, 17:00

PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO, 1980

Realização e argumento: Jorge Silva Melo

Produção: Henrique Espírito Santos e Helena Domingues

Direção de fotografia: Acácio de Almeida

Montagem: Teresa Caldas e Solveig Nordlund

Direção de arte: Ana Jotta

Direção de som: Maria Paola Porru

Música: Paulo Brandão

Interpretação: Luís Lucas (Georg Büchner), Diogo Dória (Karl Minnegerode), João Pinto Nogueira, Virgílio Castelo, Teresa Crawford, Antonio Wagner, João Brites, Cândido Ferreira, Francisco Costa, João Guedes, Glicínia Quartim, Isabel de Castro, Gina Santos, Cremilda Gil, Paulo Rocha, Orlando Costa, Rui Madeira, Paulo Matos e Jorge Silva Melo (voz, não creditado).

Produção: Grupo Zero Cooperativa de Cinema

Cópia: 35mm, cor, a exhibir em formato DCP

Duração: 116 minutos

Estreia: 14 de setembro de 1980, Festival de Cinema da Figueira da Foz

País: Portugal



COM A APRESENTAÇÃO DE SERGIO DIAS BRANCO

Sérgio Dias Branco é Professor Auxiliar de Estudos Fílmicos na Universidade de Coimbra, onde dirige o Mestrado em Estudos Artísticos e coordena o LIPA - Laboratório de Investigação e Práticas Artísticas. É investigador do CEIS20 - Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra e colabora com o Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião da Universidade Católica Portuguesa e o Instituto de Filosofia da Nova. Lecionou na Universidade Nova de Lisboa e na Universidade de Kent, onde lhe foram atribuídos os graus de Mestre e Doutor em Estudos Fílmicos. Foi Presidente da Associação de Investigadores da Imagem em Movimento entre 2018 e 2020 e membro da sua Direção entre 2014 e 2020. A sua investigação inscreve-se nas áreas científicas dos estudos fílmicos, religiosos, televisivos, e da classe trabalhadora. Co-edita a revista *Conversations: The Journal of Cavellian Studies*. Os seus últimos livros são *Escrita em Movimento: Apontamentos Críticos sobre Filmes* (2020) e *O Trabalho das Imagens: Estudos sobre Cinema e Marxismo* (2020).

PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO

Jorge Silva Melo teve um papel central na renovação do teatro em Portugal depois da fundação em 1973, com Luis Miguel Cintra, da companhia "A Cornucópia". Esteve ligado à produção e realização de vários filmes portugueses desde o final dos anos sessenta e, como ator, interpretaria alguns papéis memoráveis durante a década de oitenta - como o D. Paio de *Silvestre* (João César Monteiro, 1982) ou o pintor de *A Ilha dos Amores* (Paulo Rocha, 1982).

Tal como *Oxalá* (1980), *Passagem ou a Meio Caminho* também explorava o sentimento de desilusão quanto ao desfecho do 25 de Abril mas, ao contrário do filme de António-Pedro Vasconcelos, fê-lo sem nunca referir explicitamente a revolução portuguesa. O filme tem como ponto de partida a vida e obra de Georg Büchner, autor de várias obras imbuídas de um espírito revolucionário que lhe valeu a perseguição pela polícia e o obrigou ao exílio na Suíça, onde viria a morrer com apenas 23 anos.

Os diálogos e a narração de *Passagem...* organizam-se como uma colagem dos textos revolucionários de Büchner (onde se analisam os motivos pelos quais fracassou a Revolução Francesa ou se denuncia a exploração dos trabalhadores alemães) com vários outros escritos de Hans Magnus Enzensberger, Lilliam Hellmann, Heiner Müller, José Luís Borges, Malcolm Lowry, Jean Jourdheuil e Bernard Chartreux. Ambientado num tempo e num espaço indefinidos, embora claramente contemporâneos da rodagem do filme, *Passagem...* transforma-se numa verdadeira biografia coletiva da geração de intelectuais portugueses cuja formação política se fizera com o Maio de 68, acontecimento que

viveram como o último episódio da longa tradição revolucionária europeia.

Essa tradição é evocada melancolicamente como uma acumulação de derrotas das quais nasce um sentimento amargo de desilusão e a descrença na eficácia de qualquer ação política, assim como a descoberta da distância inultrapassável que separa os intelectuais revolucionários dos trabalhadores oprimidos.

Herdeiros de uma tradição de derrotas, os intelectuais portugueses puderam experimentar eles próprios aquele sentimento através do Maio de 68 e, depois do 25 de Abril, com muito mais intensidade no seu próprio país. O falhanço da "sua" revolução deixou-os reféns de um futuro perdido num presente que era o exato oposto de tudo o que tinham sonhado. A nostalgia, o sofrimento e as traições que a memória desse passado recente português ainda provocavam seriam retratados por Silva Melo pouco tempo depois em *Ninguém Duas Vezes* (1984).

Tiago Baptista

(*A Invenção do Cinema Português*, Tinta-da-china, 2008)

PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO

A passagem de Jorge Silva Melo do domínio do teatro para o domínio do cinema constituiu por si só um acontecimento - dada a extraordinária importância do trabalho de Jorge Silva Melo no campo teatral. Talvez isso tenha estado um pouco na origem do clima de desilusão que acolheu as projeções iniciais deste filme: é que a excessiva expectativa não parece ter sido inteiramente correspondida. Digamos que o filme dava a impressão de programar o seu próprio (relativo) fracasso, porque fazia do fracasso a dimensão quase única do seu projeto. Mas é evidente que de uma tal receção se havia de ressentir o autor - uma vez que esta obra, tão protegida por muralhas culturais, algumas vezes quase inacessíveis, é uma das mais *íntimas* que entre nós se produziram, e certamente um dos filmes mais tristes que se fizeram em Portugal.

A fascinação de Jorge Silva Melo pela figura de Büchner, e, sobretudo, pelo trágico destino do seu panfleto revolucionário "O Mensageiro de Hesse", constituem o material de que este filme parte. Não houve da parte do autor uma preocupação em atualizar estes textos - veremos mais adiante que este aspeto tem várias implicações. O que se verifica é *uma encenação num espaço contemporâneo* (vestuário, casas, hospitais, máquinas de escrever, ruas, carros, luzes, etc.) de textos e falas que remetem para o mundo referencial de Büchner. De certo modo, este mundo é aqui a *mediação privilegiada* que Jorge Silva Melo encontrou para falar da sua geração com essa enorme carga de pudor que a caracteriza. Por alguma razão o filme nos dá em epígrafe a descoberta de que "não posso escrever sobre o meu amigo mais amado". Entramos assim na realidade da resistência

antifascista considerada através das lutas estudantis, das utopias de intelectuais, dos "comunicados" e panfletos, do trabalho noturno em torno das fotocopiadoras e das máquinas de escrever, da aventura de distribuir os textos pela cidade, da distância iniludível entre estas formas de luta e aquelas que se desenrolavam nas fábricas ou nos campos. Grande parte deste filme é composto por imagens de estudantes, e, por vezes, professores, imaginando grandes frases libertadoras, tentando encontrar *a palavra justa* ("cada palavra justa é uma vitória") que possa servir a causa dos oprimidos, massacrando as máquinas de escrever com longos textos palavrosos.

Mas *Passagem* é fundamentalmente um filme de nostalgia. Inteiramente voltado para a ânsia do futuro, o autor estabelece um arco entre a força do passado e o deslumbramento desse futuro, mas esse arco é sobretudo *uma máquina de guerra contra o presente*, que surge como uma "época tão vazia de esperança". Compreendemos assim a evocação dos velhos operários que não têm a atitude dita contestatária dos jovens face à cultura, porque a amam como um instrumento de liberdade: para eles, para esses velhos homens da Revolução, *não há televisão, mas há livros*, não há necessidade de drogas, porque não são neuróticos, nem recorrem à psicanálise - e, poderíamos acrescentar, nunca gostarão do cinema série A, mas sim, e apenas, e intransigentemente, do cinema série B, menor, marginal, marginado, recalcado, ferozmente minoritário (deste cinema resguardado no seu próprio fracasso, protegendo-se com unhas e dentes, e intermináveis planos em puro desamparo, numa modernidade não-narrativa - deste cinema de *Passagem*). Proclama-se aqui o estatuto de uma inevitável *insularidade* da arte e dos intelectuais - alienação que

apenas se poderá romper *na sociedade outra* de que esta arte e estes intelectuais sustentam o desejo.

O que há de extremamente belo e, ao mesmo tempo patético, na obra de Jorge Silva Melo (e que a aproxima da radicalidade, também ela melancólica, de um *Retrato de um amigo enquanto falo* de Eduarda Dionísio) é que temos a cada instante a sensação de que tudo aquilo de que se fala, e que profundamente se ama, *já passou*, ou, pior ainda, *já era passado quando foi presente*. Mas, por outro lado, há neste filme, nesta espécie de entrincheiramento ético de um soldado que ainda ignora que a guerra acabou, um desejo de revolução, uma insuportável vontade de querer outra coisa, tão de dar com a cabeça na borda da banheira, tão de doença, tão de morte, tão certa do fracasso (“se eu pudesse acreditar na possibilidade de uma ação política...”), que não podemos deixar de nos sentir tocados pela imensidade (*deliberadamente incomunicável, mas partilhável*) do que aqui se passa. A *Passagem* é um filme profundamente político (tem mesmo aquela exclusão do amor que nos dá a marca de militância), mas é também um filme que *detesta a política*, porque a política é algo que se passa sempre *na corrupção do presente*. Daí que não haja ação – toda a ação é longamente preparada, dolorosamente frustrada, mas não existe *como presente de si mesma*. Assim se explica que Jorge Silva Melo não tivesse podido *atualizar* Büchner, na medida em que a mensagem deste desespero mensageiro só é atual na sua insuportável inatualidade.

Eduardo Prado Coelho

(“Passagem ou a Meio Caminho”, *Vinte Anos de Cinema Português (1962-1982)*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, pp. 11-120)

PRÓXIMAS SESSÕES

15 SET | DOM | 17:00 O DESEJADO

Paulo Rocha | 1987 | 117'

22 SET | DOM | 15:00 LE SOULIER DE SATIN | O SAPATO DE CETIM

Manoel de Oliveira | 1985 | 406'

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt

Linhas gerais:
(+351) 808 200 543
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede
fixa nacional.



Apoio institucional

